

**MENSAGEM DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA POR OCASIÃO DO 40.º
ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS**

Foi com muito gosto que aceitei o convite da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA) para presidir à Comissão de Honra das Celebrações do seu 40.º aniversário.

Num ano em que também recordamos os cem anos da Grande Guerra e homenageamos os portugueses que se bateram nesse conflito armado, que claramente exigiu sacrifícios para além do aceitável, celebramos os 40 anos de uma Associação que tem lutado afincadamente, em múltiplas frentes, pela dignificação e apoio daqueles que, tendo combatido com nobreza e coragem, sofreram no corpo e na alma o preço pelo dever cumprido.

A situação de carência a que haviam sido votados os Deficientes sobreviventes da Grande Guerra estava viva em muitas memórias e não nos dignificava. Com África, não poderia ser assim.

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas surge como uma força agregadora de todos aqueles que viram comprometidos muitos dos sonhos e projetos de vida acalentados na sua juventude. A Associação consegue uma união de esforços, dando verdadeira expressão a sentimentos tão simples e, ao mesmo tempo, tão nobres como a solidariedade, a camaradagem, a partilha e a amizade.

É um trabalho que honra quem o realiza e uma missão que a todos merece reconhecimento.

Conheço bem os problemas da Associação e a sua ação de proximidade com os seus associados. Conheço o seu desempenho, determinado e persistente na área do apoio de saúde, da reabilitação e da assistência social, e a sua luta pela renovação das mentalidades no reconhecimento e tratamento das questões que lhes dizem respeito. A ADFA constituiu-se, nestes anos, como um elo essencial na ligação aos escalões políticos responsáveis pela defesa destes combatentes e das famílias dos militares falecidos em combate, que são um exemplo de vida que as novas gerações não podem esquecer.

A dívida de gratidão para com aqueles que sacrificaram o melhor de si ao serviço da Nação impõe prioridades no tratamento que lhes deve ser dispensado. Os que tudo deram, ao serviço de todos nós, não podem ser esquecidos. Desde os amigos, aos camaradas, aos colegas de trabalho, às famílias e às instituições, todos devemos contribuir para que, de uma forma digna, eles possam exercer em pleno os seus direitos de cidadania. Porque eles fazem parte dos nossos melhores.

É um imperativo de consciência que o Estado assuma a reparação moral e material, e a integração social dos que ficaram deficientes ao serviço de Portugal, o que passa, muitas vezes, por decisões simples que derrubem barreiras físicas e psicológicas impeditivas ou limitativas. Uma comunidade que preserva o valor da solidariedade observa e integra a diferença e não deixa cair no esquecimento aqueles a quem tudo se exigiu.

Não podemos deixar de lembrar as famílias, designadamente as Mulheres. Companheiras de uma vida que sofreram em silêncio e em condições particularmente duras, que nunca faltaram aos seus, e a quem já me referi como as “Mulheres Coragem” de Portugal. Também a elas, que se substituíram muitas vezes às instituições que tinham obrigação de cuidar e apoiar, e a quem a Nação pediu inúmeros sacrifícios, presto a minha sentida homenagem.

Comemorar os 40 anos da ADFa não é só um dever de memória. É, sobretudo, reconhecer a obra notável desta Associação e a nobreza do seu exemplo de solidariedade, lutando pela dignificação de todos aqueles que souberam responder quando a Pátria os convocou e são credores da nossa admiração e, do nosso maior respeito.

O Presidente da República

Anibal Cavaco Silva